

## **Uso da intertextualidade e da polifonia nas charges de Laerte publicadas na Folha de S.Paulo em outubro de 2024, no contexto das eleições municipais**

Uso de la intertextualidad y la polifonía en las viñetas de Laerte publicadas en Folha de S.Paulo en octubre de 2024, en el contexto de las elecciones municipales

Use of intertextuality and polyphony in Laerte's cartoons published in Folha de S.Paulo in October 2024, in the context of the municipal elections

---

RODRIGO CABRINI DALL'AGO<sup>1</sup>, TACIA ROCHA<sup>2</sup>

---

**Resumo:** Este estudo investiga como os recursos linguísticos intertextualidade e polifonia são mobilizados nas charges de Laerte, publicadas na Folha de S.Paulo, em outubro de 2024, no contexto das eleições municipais, estabelecendo relações divergentes e convergentes com discursos noticiosos e políticos. A partir desse corpus, metodologicamente, mobiliza-se a teoria bakhtiniana do dialogismo e os resultados indicam que: as charges jornalísticas são ferramentas críticas que analisam e reinterpretam os acontecimentos noticiosos. A intertextualidade permite que dialoguem com notícias e discursos, enquanto a polifonia insere múltiplas vozes, revelando ambiguidades e paradoxos. Ao condensar debates complexos em representações verbo-visuais, demandam um público ativo e

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (PLE/UEM). Docente no Centro Universitário Cidade Verde (UniCV). E-mail: [rcdallago@gmail.com](mailto:rcdallago@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora e Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (PLE/UEM). Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista (FAAC/Unesp). Docente no Centro Universitário Cidade Verde (UniCV), onde também recebe o benefício "bolsa pesquisa". E-mail: [tacia.rocha.f@gmail.com](mailto:tacia.rocha.f@gmail.com).

reflexivo. Em um cenário noticioso de disputas narrativas, atuam como mediadoras entre a opinião pública e a política.

**Palavras-chave:** Laerte; Dialogismo; Jornalismo opinativo; Crítica política.

**Resumen:** Este estudio investiga cómo los recursos lingüísticos intertextualidad y polifonía se movilizan en las caricaturas de Laerte, publicadas en Folha de S.Paulo, en octubre de 2024, en el contexto de las elecciones municipales, estableciendo relaciones divergentes y convergentes con noticias y discursos políticos. A partir de este corpus se moviliza metodológicamente la teoría bakhtiniana del dialogismo y los resultados indican que: las caricaturas periodísticas son herramientas críticas que analizan y reinterpretan los acontecimientos noticiosos. La intertextualidad les permite dialogar con noticias y discursos, mientras que la polifonía inserta múltiples voces, revelando ambigüedades y paradojas. Al condensar debates complejos en representaciones verbales-visuales, exigen una audiencia activa y reflexiva. En un escenario noticioso de disputas narrativas, actúan como mediadores entre la opinión pública y la política.

**Palabras clave:** Laerte; Dialogismo; Periodismo opinado; Crítica política.

**Abstract:** This study investigates how the linguistic resources intertextuality and polyphony are mobilized in Laerte's cartoons, published in Folha de S.Paulo in October 2024, in the context of the municipal elections, establishing divergent and convergent relationships with news and political discourses. Based on this corpus, the Bakhtinian theory of dialogism is methodologically mobilized, the results indicate that: journalistic cartoons are critical tools that analyze and reinterpret news events. Intertextuality allows them to dialogue with news and discourses, while polyphony inserts multiple voices, revealing ambiguities and paradoxes. By condensing complex debates into verbal-visual representations, they demand an active and reflective audience. In a news scenario of narrative disputes, they act as mediators between public opinion and politics.

**Keywords:** Laerte; Dialogism; Opinion journalism; Political criticism.

## Introdução

A linguagem, por sua natureza social, é um fenômeno dinâmico, marcado por convergências e divergências entre discursos. Com vistas a compreender como o gênero charge mobiliza recursos linguísticos para criar efeitos múltiplos de sentido a partir de textos já existentes, como notícias e relatórios, e novos textos, evidenciando o caráter dinâmico da linguagem, tomamos como corpus

de análise quatro exemplares de autoria de Laerte. Assim, se estabelece como objetivo geral desta pesquisa investigar como os recursos linguísticos intertextualidade e polifonia são mobilizados nas charges de Laerte, publicadas na Folha de S.Paulo, em outubro de 2024, no contexto das eleições municipais, estabelecendo relações divergentes e convergentes com discursos noticiosos e políticos.

Para atingir o objetivo supracitado, tomamos como base o estudo de Romualdo (2000) sobre charges jornalísticas, que insere no bojo de sua pesquisa a perspectiva bakhtiniana sobre dialogismo, intertextualidade e polifonia (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 1981). Nas seções que se seguem, discutimos como os conceitos intertextualidade e polifonia aparecem no gênero charge jornalística, fazemos análise do *corpus* e, nas considerações finais, retomamos os pontos levantados e o objetivo proposto, apontando também uma possibilidade de ampliação analítico-teórica do objeto em questão.

### **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia**

Bakhtin (1981) entende que a presença do “outro” é inerente ao processo comunicativo. Isto significa que todo texto dialoga com outros textos, por ser um “objeto heterogêneo” (KOCH, 2011, p. 59). Com isso, é possível analisar o dialogismo bakhtiniano a partir de dois aspectos: o da interação e o da intertextualidade. Pelo primeiro, entende-se a interação verbal como a relação direta e dinâmica entre as pessoas envolvidas na comunicação, isto é, o espaço de interação entre enunciador (quem emite o texto) e o enunciatário (quem recebe o texto). Já a intertextualidade refere-se à ideia de que todo texto dialoga com muitos outros (ROMUALDO, 2000). Nesse sentido, é possível compreender que todo texto é construído a partir de elementos que já existem em outros textos permitindo entender os tipos e gêneros, pois a intertextualidade os relaciona e os distingue.

Somada às duas noções citadas anteriormente, Bakhtin (1981), em decorrência de seus estudos das obras de Dostoiévski, formulou a polifonia para descrever a pluralidade de vozes presentes nos romances do autor. O termo vem da música, referindo-se a várias melodias que se desenvolvem simultaneamente, mas em uma mesma tonalidade. No contexto literário, isso significa que um texto pode conter múltiplas vozes ou perspectivas, coexistindo e dialogando entre si, de modo que o autor é o regente desse coro de vozes (BEZERRA, 2005).

Isso posto, em diálogo com a noção de intertextualidade aplicada à linguagem verbal, especialmente na literatura, nesta pesquisa mobilizamos o pesquisador brasileiro Romualdo (2000). Para ele, as charges jornalísticas também estabelecem relações intertextuais entre sistemas semióticos diferentes (verbal e visual). Com isso, estende os limites dessa noção. Consequentemente, a pesquisa semiológica deve considerar três dimensões do princípio de intertextualidade:

*1) as operações produtoras do sentido são sempre intertextuais no interior de um certo universo discursivo; 2) o princípio da intertextualidade é válido também entre universos discursivos diferentes; 3) na produção de determinados discursos, há uma relação intertextual com outros discursos relativamente autônomos, que não aparecem na superfície do discurso “produzido” ou “terminado”, mas que funcionaram como momentos ou etapas de sua produção (VERÓN, 1980, apud ROMUALDO, 2000, p. 76-77).*

Romualdo (2000) destaca que, no contexto da charge jornalística, interessa explorar as duas últimas dimensões. Para explicar o processo de criação desse gênero, o autor recorre à analogia com o cinema, citada por Verón (1980), em que roteiros técnicos (textos verbais) orientam a produção de filmes (textos audiovisuais). Da mesma forma, o chargista elabora um roteiro verbal próprio — muitas vezes inspirado pelo cenário jornalístico e pelas temáticas veiculadas na Mídia — que servirá de base para a construção do texto verbo-visual. Diferentemente da adaptação direta de notícias ou reportagens, esse roteiro autoral assume caráter criativo e interpretativo. Isso resulta em uma produção chargística que, em vez de simplesmente ilustrar ou transpor conteúdos verbais para o campo visual, estabelece uma relação parafrástica e constrói sentidos complexos, frequentemente críticos ou humorísticos, em diálogo com os discursos sociais em circulação.

No tocante ao jornalismo, entendemos que ele não apenas “fala” sobre o mundo (LAGE, 2002). Ele se envolve ativamente na formação da realidade factual e da vida cotidiana. Portanto, o discurso jornalístico não apenas reflete a realidade, mas também participa em sua construção. A partir dessa noção, estabelecemos uma primeira categoria de análise das charges jornalísticas: a relação destes textos com outros tipos, como notícias, editoriais ou artigos publicados no jornal onde são veiculadas. Ainda, há a possibilidade de relação da charge com textos que são constituintes da esfera artística, como teatro, música e fotografia. Por exemplo, uma fotografia que retrate um político em uma postura séria pode ser reinterpretada em uma charge que exagera sua expressão ou a insere em um contexto humorístico.

O referido autor nota que as relações de intertextualidade da charge podem se estabelecer com textos verbais, visuais e verbo-visuais ou ainda com eventos específicos, ou outras charges. Por exemplo, a associação entre falas de personagens e símbolos visuais icônicos, como o uso de caricaturas de líderes políticos acompanhadas de citações reais ou inventadas; ou inclusão de elementos visuais que remetem a obras de arte, propagandas ou outros ícones culturais, ampliando os sentidos humorísticos e críticos. No caso de eventos, a charge pode retomar, só para citar algumas possibilidades, eleições municipais ou datas comemorativas. Outro exemplo seria de charges que versem sobre diferentes facetas de um mesmo tema.

Também é possível identificar o grau de aderência, isto é, a proximidade ou conexão entre a charge e os textos (verbais ou visuais) com os quais ela estabelece relações intertextuais. A graduação pode ser maior ou menor, dependendo da clareza e da intensidade da referência (ROMUALDO, 2000). Charges com maior grau de aderência são aquelas que mantêm uma relação direta e explícita com um texto específico, frequentemente publicado em data próxima à da produção chargista ou no mesmo veículo, como uma charge que retoma uma manchete publicada no mesmo dia ou no dia anterior. Charges com menor grau de aderência, por sua vez, são aquelas que mantêm uma relação indireta ou sutil, podendo se referir a um conjunto amplo de textos ou de acontecimentos anteriores. Tal modalidade exige maior esforço interpretativo, além da mobilização do repertório cultural e conhecimento histórico-social do leitor.

Por fim, Romualdo (2000) aponta as estratégias de convergência e de divergência de sentido do texto chargístico, em que ambas podem coexistir em um mesmo texto. A convergência ocorre quando a charge adota uma posição alinhada com o intertexto, reforçando o discurso original, ampliando seu impacto humorístico e crítico. A divergência, por outro lado, envolve a oposição ao intertexto. Isso pode ser feito por meio de ironia e paródia ou subversão, estratégia que cria uma leitura dialógica que desafia o leitor a (re)pensar o texto original. O autor destaca que ambas as estratégias podem coexistir em uma mesma charge, que pode começar alinhada a um texto (convergência) e, em seguida, subvertê-lo com um elemento humorístico ou crítico (divergência). Esse jogo de tensões contribui para a riqueza polifônica do texto chárgico.

A seguir, sistematizamos as categorias de análise discutidas nesta seção (Quadro 1), para evidenciar as múltiplas formas de relações que a charge

jornalística pode estabelecer com o intertexto, ressaltando que tais inter-relações podem assumir diferentes tipos e níveis de complexidade.

**Quadro 1:** categorias de análise da intertextualidade e polifonia na charge jornalística

<b>Categoria de análise</b>	<b>Descrição</b>
<b>Relação com textos do próprio jornal</b>	A charge dialoga com notícias, editoriais ou artigos publicados no mesmo jornal, construindo sentidos a partir desses textos.
<b>Relação com textos externos ao jornal</b>	Conexão com textos de outras mídias ou contextos culturais, como teatro, música, fotografia e obras de arte.
<b>Relação com textos verbais</b>	Uso de elementos escritos (citações, falas) como base ou complemento da crítica e do humor.
<b>Relação com textos visuais</b>	Diálogo com imagens como fotografias, propagandas ou símbolos visuais reconhecíveis.
<b>Relação com textos verbais e visuais</b>	Combinação de elementos visuais e verbais para criar múltiplas camadas de sentido.
<b>Relação com eventos ou datas específicas</b>	Diálogo com acontecimentos marcantes ou datas comemorativas, utilizando sua simbologia para criar significados.
<b>Relação com outras charges</b>	Diálogo com charges publicadas anteriormente, especialmente em temas ou críticas recorrentes.
<b>Grau de aderência</b>	Mede a proximidade ou conexão entre a charge e os textos com os quais ela dialoga.
<b>Estratégia de convergência</b>	A charge reforça ou complementa o sentido do intertexto, alinhando-se ao discurso original.
<b>Estratégia de divergência</b>	A charge contradiz, ironiza ou subverte o intertexto, propondo uma leitura oposta.
<b>Estratégia mista</b>	Combinação de ambas as estratégias em uma mesma charge, criando um efeito dialógico.

**Fonte:** Elaborado a partir de Romualdo (2000).

Isso posto, a partir da dinâmica das relações dialógicas apresentada, sobretudo aquelas sumarizadas no Quadro 1, na próxima seção analisamos as charges de autoria da Laerte. Caso queira ler as notícias na íntegra, o/a leitor/a pode acessar os *links* na seção referências.

## **Laerte e a polifonia chargista em análise**

A charge abaixo a seguir (Figura 1), publicada em 7 de outubro de 2024, sem título, relaciona-se intertextualmente tanto com textos do próprio jornal, quanto com um evento específico (Quadro 1) —o primeiro turno das eleições municipais brasileiras, ocorrido no dia anterior —, destacando o tema do voto secreto como o elemento central para provocar humor e crítica.

**Imagem 1:** charge relacionada ao primeiro turno das eleições municipais de 2024

Fonte: Laerte (2024a).

A charge é composta por cinco quadros, lidos verticalmente, da esquerda para a direita. O “contexto intericônico”, relação entre imagens organizadas em sequência, não só define a temporalidade e a ordem cronológica das ações, como também possui um impacto humorístico, uma vez que os quadros iniciais estabelecem a situação cômica que será concluída no último (ROMUALDO, 2000).

No primeiro quadro, encontramos uma personagem recorrente das produções de Laerte, a mulher elefante, uma figura antropomórfica. Embora tenha um corpo humano, a personagem apresenta a cabeça de um elefante, com tromba e orelhas características, criando um contraste visual cômico e inusitado. A partir do “contexto intra-icônico”, ou seja, das relações entre os diferentes elementos da imagem, é possível notar que a personagem é desenhada de maneira relaxada, quase indiferente ao que ocorre ao seu redor. Seu olhar e sua postura corporal, como os ombros caídos e braços cruzados e apoiados, transmitem um ar de despreocupação ou até de resignação calculada.

No entanto, o contexto “intra-icônico” não é o único responsável pela transmissão da mensagem. Há uma relação entre os elementos visuais e verbais, que se auxiliam para construir a ideia (RAMOS, 2006). O balão de fala com linhas pontiagudas representa a fala de uma personagem “extra-icônico”, em relação a elementos fora da imagem, que exclama em tom de voz alta (“Mulher elefante! Responda!”), evidenciando o caráter polifônico da charge. Do segundo ao quarto quadro, a voz externa interroga a mulher elefante para opinar sobre uma série de questões (“O que é preciso para conquistar seu coração? Em quem você votou? Você tem ciúmes? Cê tem *bruchov*? O que acha de inteligência artificial? Qual o lugar mais estranho em que já transou?”),

escritas dentro de balões com linhas pontiagudas, representando um tom de fala incisivo.

A interação entre texto verbal e visual sugere uma crítica indireta à superficialidade de certas questões ou à evasividade típica de respostas políticas. Com essa interação entre os diálogos e a caricatura visual da mulher elefante, o humor surge para reforçar a situação comunicativa. A postura inabalável da mulher elefante durante a sequência de quadros reforça sua personalidade crítica, contrastando com a ansiedade da voz inquisitória externa. Esse contraste contribui para a construção do humor, pois sua serenidade diante de questionamentos incisivos reflete uma posição de resistência passiva que amplifica o impacto da resposta final.

No quinto e último quadro, nos deparamos com a única fala da mulher elefante, em um balão arredondado de linha contínua (“O voto é secreto.”). A fala da personagem capta as nuances da sua postura, reforçando sua despreocupação e resignação calculada. Com efeito, o humor reside na subversão das expectativas criadas pela sequência de perguntas incisivas e pessoais, culminando na resposta inesperada da mulher elefante. Este desfecho utiliza o absurdo para criticar a superficialidade de perguntas frequentemente feitas nos cenários político e midiático, ao mesmo tempo que reforça a ideia de que algumas informações – como o voto – devem permanecer na esfera privada.

O menor grau de adesão da charge, por não se referir diretamente a um texto específico do jornal, exige do leitor uma maior mobilização de repertório, cultural e político para captar as nuances da crítica. Ao se apoiar na ideia universal do “voto secreto”, a charge consegue dialogar com um público amplo, mas, ao mesmo tempo, exige familiaridade com o cenário eleitoral para ser plenamente compreendida. O desfecho também leva o leitor a refletir sobre o limite entre a exposição da vida pessoal e o espaço reservado para decisões privadas, como o voto. Nesse sentido, a charge combina crítica política com humor para dialogar com questões contemporâneas mais amplas.

A segunda charge (Figura 2) analisada foi publicada em 14 de outubro de 2024, sem título, e relaciona-se intertextualmente com publicações da própria Folha de S.Paulo. Veja a seguir a notícia-base (intertexto) para sua formulação:

**Quadro 2:** texto verbal sobre o apagão do setor elétrico após privatização da Enel, publicada em 14/10/24

**Com apagão de três dias em São Paulo, moradores protestam nas redes contra Enel e Prefeitura**



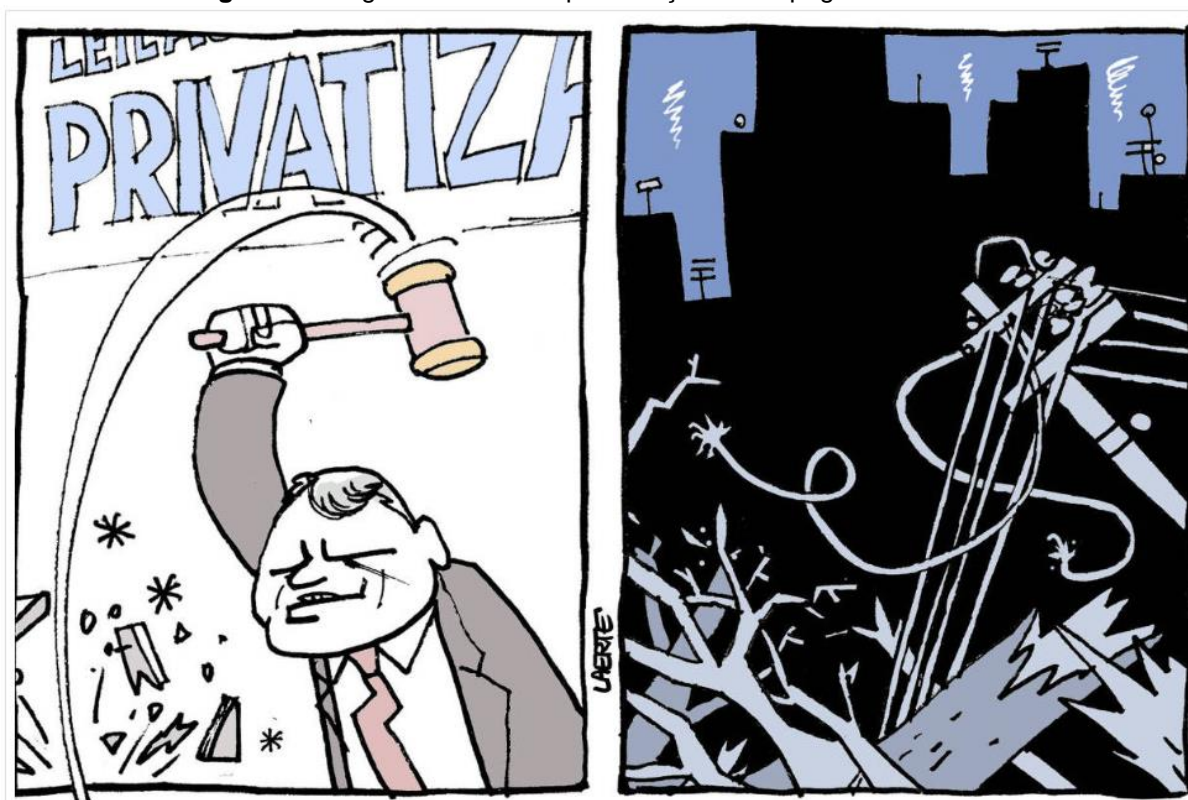
Milhares de pessoas estão sem fornecimento de energia elétrica na cidade de São Paulo desde sexta-feira (11), quando um temporal atingiu a cidade causando apagão. Nesta segunda (14), 537 mil imóveis continuam sem luz, segundo balanço divulgado pela Enel no início da manhã.

[...]

Fonte: Folha de S.Paulo (2024).

O texto verbal focaliza os protestos da população afetada e o uso político do evento, com críticas associadas à gestão e à privatização de companhias públicas de serviços essenciais, no caso do setor elétrico. A partir desse texto, a charge é composta por dois quadros sequenciais que dialogam entre si (contexto inter-icônico), lidos verticalmente da esquerda para a direita. Ela dialoga diretamente com o tema da privatização e seus impactos, associando-a com a crise elétrica que resultou no apagão em São Paulo no mesmo período de sua publicação.

**Imagem 2:** charge relacionada à privatização e ao apagão de São Paulo



Fonte: Laerte (2024b).

A partir do contexto “intra-icônico”, no primeiro quadro, vemos a caricatura do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas. Ele é representado batendo um martelo contra um púlpito de leilão com tamanha força que é possível ver os estilhaços do móvel. O ato simboliza determinação e agressividade na condução de políticas de privatização. A postura autoritária e unilateral da

personagem é enfatizada por sua expressão facial séria e pelos movimentos amplos e destrutivos.

A relação entre texto verbal e visual também contribui para a construção da mensagem. A palavra "PRIVATIZA" aparece no fundo, em caixa alta, sugerindo que o ato político está diretamente associado à imposição de políticas de privatização. Enquanto isso, a palavra parcialmente cortada, "LEILÃO", reforça a ideia de um ambiente de mercantilização de serviços essenciais do interesse público.

Já no segundo quadro, encontramos o desfecho do ato inicial: uma cena caótica que simboliza os efeitos desastrosos da política privatista no setor de iluminação pública. Árvores e postes de energia caídos, fios elétricos soltos e prédios sem iluminação representam a desestruturação e falha na manutenção do sistema privatizado. A paleta de cores escuras e a desordem visual reforçam a ideia de um apagão literal e figurativo, conectando-se diretamente ao evento noticiado do apagão em São Paulo (Quadro 2), apresentando, portanto, um alto grau de aderência ao intertexto. Essa transição do primeiro quadro, mais iluminado e ordenado, para o segundo, sombrio e desordenado, contribui para o efeito irônico e crítico da charge.

A relação entre a charge e o intertexto (texto da notícia) é a estratégia de convergência (Quadro 1). A charge não apenas dialoga com os problemas relatados na notícia, como amplifica sua crítica, ao ilustrar os impactos negativos da privatização de maneira metafórica e visualmente impactante. O martelo no primeiro quadro simboliza decisões políticas autoritárias e impulsivas, enquanto o cenário do segundo quadro denuncia as consequências de políticas que, embora promovidas como solução eficiente, falham em enfrentar problemas estruturais. Assim, a charge não apenas critica a privatização, mas também o tipo de liderança política que prioriza ações imediatistas e negligentes em detrimento do planejamento e da responsabilidade.

A próxima charge (Figura 3), publicada em 24 de outubro de 2024, sem título, sugere uma relação entre figuras de poder e a organização criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC). Ela também se relaciona intertextualmente com publicações da própria Folha de S.Paulo (Quadro 1). Veja, a seguir, quatro textos, entre notícias e colunas de opinião, que constituem a base (intertexto) para a formulação do texto chargístico:

**Quadro 3:** texto verbal - recorte de uma notícia que trata sobre caixa 2, compra de votos e a organização criminosa PCC, publicada em 21/10/24

**Partidos veem eleição com avanço de caixa 2, compra de votos e infiltração de facções**

Secretário nacional de comunicação do PT, o também deputado federal Jilmar Tatto (SP) vai na mesma linha.

"Tivemos relatos, principalmente de cidades do interior que não estavam acostumadas a esse tipo de comportamento, muitos relatos de distribuição de dinheiro vivo. No dia da eleição, um dia antes", diz o parlamentar.

[...]

**Fonte:** Bragon e Brant (2024).

**Quadro 4:** texto verbal - recorte de uma coluna que trata sobre facções envolvidas com políticos, publicada em 23/10/24

**Facções estão envolvidas em um terço dos assassinatos políticos de 2024**

[...] No novo cenário social, é difícil separar um crime eleitoral de um crime por disputa de área de tráfico. Mais exato seria dizer que as facções ocuparam espaço político. Na noite de 28 de setembro, o líder garimpeiro José Esponton, o Zé Gavião, de Aripuanã (MT), foi metralhado num posto de gasolina da cidade.

[...]

**Fonte:** Nossa (2024).

**Quadro 5:** texto verbal - recorte de uma notícia que trata sobre a organização criminosa PCC, publicada em 23/10/24

**Sai o crime organizado, entra o legalizado**

Cidades brasileiras com até 15 mil habitantes elegem nove vereadores. As que têm cerca de um milhão elegem 33. São Paulo, com seus mais de 11 milhões, elege 55. Tire a média e multiplique pelos, segundo o IBGE, 5.570 municípios do Brasil. A pergunta é: quantos dos pouco mais de 58 mil vereadores em exercício no país não fazem parte de alguma forma do crime organizado ou foram cooptados por ele?

[...]

**Fonte:** Castro (2024).

**Quadro 6:** texto verbal - recorte de uma notícia que trata sobre suposta relação da organização criminosa PCC com o banco Luso, publicada em 24/10/24

**'Minha vida agora é explicar que não temos nada a ver com PCC', diz presidente do banco Luso**

[...] O nome do Banco Luso foi citado em denúncia do Ministério Público em suposto esquema de lavagem de dinheiro do crime organizado no transporte público da capital paulista. Foi nessa operação que foi preso o presidente Transwolff, Luiz Carlos Efigênio Pacheco, o Pandora, libertado dias depois pela Justiça. O processo sobre o caso ainda está em curso.

[...]

**Fonte:** Pagnan (2024).

Os textos verbais destacam a conexão entre organizações criminosas, como o PCC, e diferentes esferas do poder institucional. São abordadas denúncias que vão desde a infiltração de facções no financiamento de campanhas eleitorais e na compra de votos até sua influência em candidaturas políticas e

processos de licitação pública. Diante de tal contexto, a charge (Figura 3) dialoga com essas práticas que revelam uma atuação sofisticada das facções, que buscam ampliar seu controle por meio de estratégias que mascaram suas operações ilícitas com aparente legalidade. Ela é composta por dois quadros sequenciais que dialogam entre si (contexto intericônico), lidos verticalmente da esquerda para a direita.

A narrativa do primeiro quadro se inicia com o texto verbal (“O pessoal do PCC chegou para a reunião”) em um balão de fala com linhas pontiagudas que sai de uma secretária eletrônica, possivelmente a recepcionista, representando a fala de uma personagem “extra-icônico”, isto é, que não aparece na cena. A resposta (“Faça entrar...”) aparece em um balão de fala com bordas contínuas, pertencente a uma personagem representada apenas parcialmente, por um braço vestido de terno. Simultaneamente, um balão de pensamento, com linhas de “nuvem”, ilustra a imagem estereotipada de integrantes da facção criminosa, proveniente da imaginação do personagem representado pelo braço: três indivíduos armados, com vestimentas simples e posturas ameaçadoras.

**Imagem 3:** charge faz crítica à relação de políticos com facções criminosas como o PCC



Fonte: Laerte (2024c).

Esta composição visual e textual posiciona o leitor em uma perspectiva de primeira pessoa, simulando a visão da personagem e utilizando estereótipos

de forma deliberada para criar uma referência imediata a um repertório cultural pré-existente. Essa construção prepara o terreno para a crítica que será revelada a seguir com o segundo quadro, que subverte a expectativa estereotipada, ao retratar a chegada de homens vestidos de terno e gravata, carregando pastas, como se fossem executivos ou políticos em um encontro formal. Esse contraste visual e semântico entre os dois quadros revela o principal ponto da charge: a crítica é direcionada ao fato de que o crime organizado teria “se legalizado”, como mencionado em uma das notícias (Quadro 5), infiltrando-se em instituições políticas e econômicas de forma mais sofisticada e menos visível.

Desse modo, compreendemos que a charge faz uso de uma estratégia de convergência e alto grau de aderência (Quadro 1) com os intertextos apresentados (Quadros 3, 4, 5 e 6), reforçando e amplificando as críticas contidas nas notícias e colunas sobre a infiltração do PCC em processos eleitorais, na política e em esquemas empresariais. A fim de facilitar o entendimento, esquematizamos pontos específicos que se conectam diretamente à charge.

**Quadro 7:** inter-relações da charge com os intertextos

Quadro	Intertexto	Inter-relação
3	Relatos de candidatos apoiados por facções e uso de dinheiro vivo em campanhas evidenciam a presença do PCC no processo eleitoral.	A charge sugere que essa presença não é explícita ou violenta, mas disfarçada de legalidade, como representado pelos homens engravatados no segundo quadro.
4	A dificuldade em separar crimes eleitorais de ações típicas de facções criminosas.	A charge ilustra como o PCC não atua apenas de forma violenta, mas também no âmbito político, influenciando eleições e perpetuando seu poder por vias menos óbvias.
5	A ideia de que membros de facções se infiltram na política ou em cargos públicos.	A charge representa essa ideia pela substituição do imaginário estereotipado do PCC pelos “engravatados”.
6	Suposta denúncia de que o PCC utiliza empresas e instituições financeiras para lavar dinheiro e financiar atividades ilícitas.	A crítica da charge sugere a “normalização” de práticas ilegais em estruturas formais - a organização administrativa que recebe os “engravatados”.

**Fonte:** elaborado pelos autores.

A última charge (Figura 4) analisada foi publicada em 31 de outubro de 2024, logo após o segundo turno das eleições municipais. Embora não se relacione diretamente com uma notícia específica, o contexto de publicação — na semana seguinte ao pleito — está associado a um evento específico (Quadro



1). Por isso, apresenta um grau de adesão intertextual baixo e não nos permite delinear o uso de estratégias convergente, divergente ou mista, pois se conecta mais ao clima político geral — polarização, disputas narrativas e tensões entre diferentes espectros políticos — e às expectativas dos eleitores sobre os candidatos eleitos. Portanto, exige-se do leitor maior mobilização do seu repertório cultural.

**Imagem 4:** charge apresenta crítica à polarização política



**Fonte:** Laerte (2024d).

A charge é composta por quatro quadros dispostos verticalmente, lidos da esquerda para a direita. No primeiro quadro, vemos um grupo heterogêneo de quatro pessoas, representando eleitores, dialogando com um político em tom afirmativo. O texto verbal (“Votamos na direita sim!”) evidencia o posicionamento ideológico do grupo, enquanto um segundo balão (“Mas não na extrema direita.”) sugere uma tentativa de justificar ou moderar essa escolha. A interação entre os textos verbal e visual aponta para uma postura receptiva do político, que aparenta concordância inicial e satisfação em ter sido eleito, refletindo a harmonia entre as partes.

No segundo quadro, o mesmo grupo de eleitores expressa otimismo com sua escolha, destacando pautas populares como segurança e saúde (“Elegemos alguém que se preocupa com segurança... e com saúde.”). Esses enunciados

verbais desencadeiam uma mudança na postura corporal do político, que se torna mais rígida e distante, sinalizando sua desconexão com as expectativas expressas pelo grupo. Aqui, inicia-se a quebra de expectativa que culminará no desfecho da charge.

No terceiro quadro, o grupo expande suas demandas populares (“... e educação.”, “Transporte.”, “Trabalho.”, “E meio ambiente.”), reforçando o caráter de promessas eleitorais e/ou argumentos que determinaram o voto deles no candidato de direita, não de extrema direita. No entanto, assim como no quadro anterior, o político permanece impassível e alheio, criando um contraste crescente entre as aspirações dos eleitores e a postura do parlamentar eleito.

Por fim, no quarto quadro, ocorre a ruptura: o político reage de forma caricatural e agressiva, chutando os eleitores parcialmente visíveis e gritando (“Fora comunistas!”) em um balão de fala exagerado, com linhas pontiagudas que reforçam sua explosividade. A cena, por um lado, satiriza a retórica simplista e polarizadora, frequentemente usada como resposta a demandas legítimas; por outro, revela o discurso da extrema direita materializado pela palavra “comunista” para designar as pautas de caráter social.

Com esse desfecho, a charge ironiza o comportamento de eleitores que optam por representantes políticos com discursos aparentemente moderados, mas que, após a eleição, adotam atitudes autoritárias ou radicais. A oposição entre as expectativas progressistas dos eleitores e a realidade autoritária do político ressalta a incoerência entre intenção e resultado, expondo o descompasso entre promessas de campanha e prática política. Das quatro charges analisadas, a apresentada na Figura 4 é a que mais imprime uma posição pessoal da Laerte, sem uma ligação direta de concordância à linha editorial do veículo. Os sentidos produzidos estabelecem uma relação com a falta de letramento político de uma parte da população brasileira, no que tange às posições ideológicas e seus consequentes projetos políticos frente a uma determinada concepção de Estado.

## **Considerações finais**

O objetivo desta pesquisa foi investigar como os recursos linguísticos intertextualidade e polifonia são mobilizados em charges e estabelecem relações divergentes e convergentes com discursos noticiosos e políticos. Para tanto, tomaram-se como corpus quatro charges de Laerte e, a partir das

categorias de análise, intertextualidade e polifonia na charge jornalística, podemos compreender como a heterogeneidade enunciativa é mostrada no corpus.

A análise mostrou que a intertextualidade é materializada em um diálogo dinâmico com notícias, eventos recentes e discursos consolidados, ressignificando-os em um formato visual e verbal que intensifica sua crítica. A polifonia, por sua vez, cria um espaço discursivo no qual múltiplas vozes, perspectivas e contradições se encontram, expondo as ambiguidades e os paradoxos que estruturam as práticas de poder e as dinâmicas sociais. Esse entrelaçamento de vozes reforça o caráter dialógico das charges, transformando-as em espaços simbólicos de disputa narrativa e questionamento da realidade.

Dentre as quatro charges analisadas, podemos tirar algumas conclusões. Nos casos em que a charge não mantém um diálogo direto com um texto específico (Figuras 1 e 4), mas se constitui polifonicamente de várias vozes e mantém diálogo com outros textos de forma não recuperável, é possível identificar uma posição-autor de Laerte de forma mais contundente ante a política e as eleições. Na Figura 1, a sua personagem, mulher elefante, esbanja um humor ácido ao desconsiderar todos os questionamentos feitos pelo interlocutor extra-icônico e responde, de forma blasé, a apenas uma das indagações: sobre em quem votou. Ela parece simplesmente querer fugir da situação de polarização política pela qual o Brasil está passando, defendendo que o voto é secreto. Tal posição ganha ainda mais corpo com a Figura 4, quando ele dá a ver a criação simbólica do inimigo, do outro, do comunista, aventado pelo discurso autoritário da extrema direita.

Já nas charges em que foi possível recuperar intertextos da própria Folha S.Paulo (Figuras 2 e 3), nota-se que a adoção da palavra alheia é de adesão ou convergência. Dito de outro modo, a posição enunciativa adotada vai ao encontro da linha editorial, em que se reveste com algo de novo e reverbera as posições valorativas do veículo. Por outro lado, nos parece que a estratégia das charges mencionadas também é de convergência quando aproximadas às charges polifônicas (Figuras 1 e 4), nas quais se coloca em uma posição crítica aos governos: dá a ver o caos que a privatização da empresa de energia produziu em São Paulo, a despeito do projeto neoliberal de eficiência e eficácia, assim como coloca em cena a polarização política como um fator emburrecedor dos eleitores.



Com isso, as análises destacaram a capacidade das charges em sintetizar debates complexos em representações visualmente impactantes. Apresentada com densidade crítica, o gênero charge desafia o leitor a mobilizar seus repertórios cultural e político para decodificar os sentidos propostos. Essa exigência de um público ativo e engajado reforça o papel das charges como objetos discursivos que demandam reflexão e participação, indo além do riso imediato ou da compreensão superficial. Por meio de uma abordagem multimodal, combinando texto e imagem, elas desconstróem o óbvio, subvertem expectativas e ampliam a capacidade de reflexão sobre questões cruciais do presente. Ao tensionar os limites entre o que é dito, sugerido e silenciado, as charges tornam-se não apenas críticas do momento, mas também registros históricos de como diferentes discursos se confrontam e se ressignificam ao longo do tempo.

Em suma, as charges analisadas reafirmam a força da linguagem verbal e visual como forma de articulação crítica em um mundo em constante transformação. Suas construções discursivas, ainda que dependentes de um repertório cultural específico, permanecem como exemplos potentes de como a arte e o jornalismo podem dialogar para provocar, questionar e iluminar as complexidades do cotidiano. Assim, as charges se estabelecem como um gênero discursivo de resistência e de criatividade, essencial na construção de uma consciência crítica coletiva e abre como possibilidade para pesquisas futuras o acoplamento de teorias como a semiótica, que podem agregar mais estofos para análise de como os signos não-verbais materializam posições no discurso bivocal das charges.

## Bibliografia

- ALENCAR, M. T.; DOURADO, J. L. Da pós-verdade à pós-imprensa: a crise do jornalismo na era da desinformação. **Cadernos Cajuína**, Teresina, v.5, n.1, p.88-101, 2020.
- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem (1929)**. Tradução Michel Wisnik e Yara Frasteschi Vieira. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (Org). **Bakhtin: Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRAGON, Ranier; BRANT, Danielle. Partidos veem eleição com avanço de caixa 2, compra de votos e infiltração de facções. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 out. 2024. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2024/10/partidos-veem-eleicao-com-avanco-de-caixa-2-compra-de-votos-e-infiltracao-de-faccoes.shtml>>. Acesso em: 28 nov. 2024.
- CASTRO, Ruy. Sai o crime organizado, entra o legalizado. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 out. 2024. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2024/10/sai-o-crime-organizado-entra-o-legalizado.shtml>>. Acesso em: 28 nov. 2024.

FOLHA SÃO PAULO. Com apagão de três dias em São Paulo, moradores protestam nas redes contra Enel e Prefeitura. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 out. 2024. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/blogs/hashtag/2024/10/com-apagao-de-tres-dias-em-sao-paulo-moradores-protestam-nas-redes-contr-enel-e-prefeitura.shtml>>. Acesso em: 28 nov. 2024.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2011.

LAERTE. Piratas do Tietê. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 07 out. 2024a. Disponível em: <<https://cartum.folha.uol.com.br/quadrinhos/2024/10/07/piratas-do-tiete-laerte.shtml>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

LAERTE. Charge de 14.out.2024. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 out. 2024b. Disponível em: <<https://cartum.folha.uol.com.br/charges/2024/10/14/laerte.shtml>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

LAERTE. Charge de 24.out.2024. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 out. 2024c. Disponível em: <<https://cartum.folha.uol.com.br/charges/2024/10/24/laerte.shtml>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

LAERTE. Charge de 31.out.2024. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 31 out. 2024d. Disponível em: <<https://cartum.folha.uol.com.br/charges/2024/10/31/laerte.shtml>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PAGNAN, Rogério. 'Minha vida agora é explicar que não temos nada a ver com PCC', diz presidente do banco Luso. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 out. 2024. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/10/minha-vida-agora-e-explicar-que-nao-temos-nada-a-ver-com-pcc-diz-presidente-do-banco-luso.shtml>>. Acesso em 28 nov. 2024.

RAMOS, Paulo. **Histórias em Quadrinhos**: um novo objeto de estudos. Estudos Linguísticos, São Paulo, p.1574-1583, 2006.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística**: intertextualidade e polifonia - um estudo de charges da Folha de S. Paulo. Maringá: Eduem, 2000.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

Recebido em: 28/03/2025

Aceito em: 19/06/2025